

O UNIVERSO É UM IMENSO ANIMAL*

João Lupi**

SÍNTESE – Na compreensão de mundo de Giordano Bruno as teorias copernicanas a respeito de nosso sistema planetário são estendidas a todo o universo. Além disso, redefinem-se os conceitos de matéria e forma. Ele compreende a totalidade do universo como uma imensidão ilimitada dotada de vida e de energia. Na linha de alguns filósofos antigos, defende ele que entre os seres animados e o mundo existe uma analogia no que se refere à vida, vida esta que se manifesta através de muitas modalidades. Com outro sentido que os medievais, afirma que o mundo é uma manifestação da divindade e, abeberando-se em Plotino, defende que a alma do mundo é sua forma universal.

PALAVRAS-CHAVE – Giordano Bruno. Cosmologia. Matéria e forma. Formas de vida. Universo como manifestação da divindade. Alma do mundo.

ABSTRACT – Giordano Bruno stretches the Copernican theories about our planet system to the whole universe. Besides, the concepts of matter and form are newly defined. Bruno understands the totality of the universe as an unlimited immensity gifted with life and energy. In the line of some ancient philosophers, he defends that between animated beings and the world there is an analogy concerning life. This life manifests through several different ways. In another sense than the Mediaevals he states that the world is a manifestation of divinity and, based on Plotinus, he defends that the soul of the world is its universal form.

KEY WORDS – Giordano Bruno. Cosmology. Matter and form. Universe and manifestation of divinity. Soul of the world.

1. No dia 17 de fevereiro de 1600 Giordano Bruno era queimado vivo como herege.¹ O filósofo que em toda a sua obra afirmava que a finalidade do conhecimento é a contemplação divina passou pela prova do fogo acusado de propagar conhecimentos prejudiciais à fé cristã. Várias vezes durante o último processo, que veio a condená-lo, o tribunal eclesiástico se mostrou inclinado a libertá-lo; várias vezes ao longo da sua vida o filósofo de Nola contou com a tolerância de muitas autoridades, que lhe permitiram ensinar, ganhar a vida, falar em público, defender suas idéias, obter títulos acadêmicos, e, na pior das hipóteses, o deixavam fugir. E Giordano fugiu, incansavelmente, de um lado para o outro da Europa

* O presente texto foi redigido no ano 2000, quando se recordaram 4 séculos da morte de Giordano Bruno.

** Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ Abreviaturas:

Infinito: Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos (1584). – *Causa: A Causa, Princípio e o Uno* (1584).

– A citação e a paginação é das edições brasileiras, mas corrigimos às vezes a tradução onde nos pareceu necessário.

Central e Ocidental, fazendo adeptos entusiastas e inimigos furiosos. Não morreu por causa da intransigência dos defensores da catolicidade – as autoridades eclesiásticas das Igrejas Reformadas também o perseguiram ou expulsaram; morreu pela sua língua desenfreada, pelo furor dos seus insultos contra quem não concordasse, pelo desassombro incontido com que demolia os argumentos e as doutrinas estabelecidas; morreu por causa do seu inconformismo com a ciência mesquinha de alguns intelectuais, e com os que são cegos porque não querem ver.

Giordano Bruno foi condenado pela sua própria intolerância, muito maior do que a dos seus atacantes, e pela sua teimosia, que o levou a protestar: *Não devo nem quero arrepender-me, não tenho de que me arrepender, não há nada de que me arrependa, nem sei de que coisa devo arrepender-me.*

Um tal personagem, profundamente crítico na sua inserção na história do pensamento – e na formação da identidade cultural italiana – não pode nem passar despercebido, neste quarto centenário de seu sacrifício, nem inteiramente interpretado, e muito menos justificado. Podemos apenas homenageá-lo, tentando despertar a atenção de quantos se dedicam à História da Filosofia e à História da Ciência, na esperança de que nesta terra de tão gloriosas tradições italianas haja quem se dedique a estudar, difundir, e fazer frutificar as idéias de Giordano Bruno, o nolano.

Para tanto escolhemos um tema em que ele abriu novas perspectivas teóricas: por um lado a concepção do cosmo imenso – literalmente: imensurável, sem medida nem direção, nem figura, nem limites; e por outro a idéia da vitalidade universal, do universo entendido como um ser animado. Cremos que nem a astrofísica, nem a cosmologia, nem a ecologia meditaram ainda tudo o que GB nos disse. Vão aqui algumas sugestões.

2. *Este infinito e imenso elemento é um animal, se bem que não tenha figura determinada e sentido que se refira a coisas exteriores; porque ele contém em si toda a alma, compreende todo elemento animado e confunde-se completamente com ele (Infinito, final do 2º Diálogo, 42).*

Esta passagem, enunciada por Filóteo, que neste diálogo representa o pensamento de GB, começa assim: “É verdade. Acrescento, além disso, que este [...]” etc. é pois um reforço do que acabava de ser dito por outro interlocutor, Elpino, que repetira, para confirmar se havia entendido bem, a exposição de Filóteo acerca da distribuição dos astros no cosmo; Elpino começara por dizer que as estrelas não estão pregadas numa cúpula ou abóbada, idéia infantil que minimiza a imensidão do espaço; e continua ampliando a concepção da imagem desta vastidão, distribuindo-o em todas as dimensões, e ao mesmo tempo esbatendo a oposição entre matéria e espírito, concebendo o todo como um *corpo espiritual*.

O espaço é totalmente preenchido pelas circunvoluções dos astros, de tal modo que este imenso corpo animado se identifica com o espaço. Cada frase e expressão de Elpino reforça a percepção de amplitude, volume, imensidão sem limites, para além da qual não há nada porque ela (este corpo) é tudo. *É um regaço infinitamente espaçoso, que envolve todo o universo infinito. É um espaço sensível,*

um corpo continente, um movimento geral que se faz de todos os movimentos particulares dos astros, *porquanto é mister que este corpo espiritual encha tudo*. É então que Filóteo confirma: *É verdade*.

Ora a teoria de que o universo é um imenso animal fazia parte da doutrina de inúmeros filósofos, inclusive Plotino, em quem Giordano tanto se inspira. A genialidade do nolano esteve na conjugação desta idéia com a concepção copernicana da astrofísica, ampliada à visão de um universo infinito. Copérnico estabeleceu o heliocentrismo apenas para o nosso sistema planetário, sem tirar daí maiores consequências nem imaginar um número infinito de sistemas heliocêntricos. Além disso GB corrige, ou deixa de lado inúmeras particularidades da física e da cosmologia de seus antepassados doutrinários – não só de Plotino, mas também de Lucrecio e sobretudo de Aristóteles. Sua idéia de matéria, corpo, mundo, é intrinsecamente vitalista, energética, ao ponto de nem argumentar para defender a *animalidade* do universo, porque para ele não precisava de prova.

É esse energeticismo que lhe faz conceber o cosmo como animado, como um ser vivo, *porque sendo o mundo um corpo animado tem em si infinito poder motor*, como diz Filóteo na conclusão do mesmo 2.o Diálogo. Animal é pois este corpo porque tem em si seu próprio movimento (não precisa de um Primeiro Motor externo), porque é um corpo contínuo (não dividido em partes nem separado por intervalos vazios, *ib.* 36) porque ele é a totalidade da matéria que no seu conjunto forma um corpo universal, que é como um animal (*Causa*, 72); e como matéria contém em si todas as formas, tudo o que vive (*Causa*, 109). Portanto, continua, utilizando a expressão de outro grande inspirador seu, Nicolau de Cusa: *essa matéria, que explica o que tem implicado, deve ser chamada de coisa divina e como a melhor parenta (progenitora), qual geradora e mãe das coisas naturais*; a matéria, entendida assim como uma potencialidade total e real, *é a natureza toda em substância* (*ib.* 109/110).

Ora uma tal concepção da matéria identifica-a com a Alma do Mundo, outra noção que GB recolhe da tradição platônica e plotiniana, e que utiliza sem restrições. Mas é precisamente, e antes de mais nada, por ter alma que o universo é animado, é animal; e é por haver uma identificação entre esta Alma, princípio de toda energia, movimento e vida, e a matéria geradora, que o cosmo pode ser chamado de corpo espiritual – já que para os platônicos o ser vivo é um espírito que anima um corpo. À pergunta sobre se na união que a *Alma do mundo, ou forma universal, mantém com a matéria* pode ou não fazer-se uma distinção (*Causa*, 80) Teófilo, que corresponde ao Filóteo do *Infinito*, responde que é difícil, mas não impossível, distinguir o agente daquilo que é realizado; e prossegue explicando que o corpo animado pela Alma do Mundo é um *animal racional* (*ib.* 81) e como tal é orgânico e tem *membros*. A organicidade do universo, porém, como aspeto da animalidade da matéria, ele explica melhor ao falar de cada um dos mundos.

3. *A terra e outros mundos são animais, diversos dos animais vulgarmente tidos como tais* (*Infinito*, 3º Diálogo, 51). Ora eles são diversos, mas são análogos. Não se pode propriamente comparar os rios com as veias, nem as pedras com os

órgãos, mas há uma analogia que no conjunto de todos esses *semelhantes desse-
melhantes* nos permite dizer que existe uma forma animal – aliás uma forma supe-
rior à comum e *por uma razão mais excelente* – como se quisesse dizer que há
vários graus de animalidade, e a dos astros é superior à dos seres vivos terrestres
(idéia que até Aristóteles compartilhava).

Giordano refere-se sempre aos astros como mundos, e freqüentemente (*Infini-
to* 30, 51, 56...) junta os dois termos: *astros ou mundos*. De fato, se ele multiplicou
ao infinito os sistemas heliocêntricos é porque considerava que cada estrela é um
sol, e só não lhe vemos os planetas porque eles são muito pequenos e brilham
menos. Mas estes mundos são infinitos, semelhantes ao nosso, sendo também
habitados e eles mesmos, astros ou mundos, seres vivos. Esta idéia não é nova, e
tal como ele diz em diversas passagens (por ex.: *Causa*, 54) todos os filósofos a
defenderam. O que nos importa é o modo como GB explica esta vivência dos
astros; é que, se por um lado ele foi o primeiro pensador a ter a concepção do
universo que em grande parte ainda é a nossa – e nem se esgotou ainda em suas
sugestões – por outro lado ele foi o último importante cosmólogo neoplatônico.

O espaço é povoado por infinitos astros que são movidos por suas almas (di-
versas referências *apud* Spruit, 306, n.102); eles são assim como que outros tantos
sóis com suas terras, *infinitos astros e grandes animais* (*Infinito*: 41, e também: 20,
34, 44, 56...). Ora a expressão “são movidos por suas almas” significa: *esta terra é
um animal móvel e capaz de girar por um princípio intrínseco* (*Infinito*, 81). Portan-
to a primeira e principal razão pela qual se atribui aos astros a animalidade é por-
que eles têm um movimento intrínseco – isto é, por eles mesmos – e ordenado
(racional) ou seja, são movidos por uma alma. É raciocínio semelhante ao que
encontramos em pagãos como Plotino, e em cristãos como Orígenes.

Em segundo lugar os astros são vivos porque contêm vida: *é impossível ima-
ginar que inumeráveis mundos, que se mostram tão ou mais magníficos do que
este sejam privados de habitantes semelhantes ou melhores* (do que os nossos).
Tal como nós estes mundos recebem de seus sóis *os raios diviníssimos e fecundos*
(*Infinito* 56). Giordano insiste também na variedade de mundos: os sóis e suas
terras não são todos iguais, mas são *todos habitados e cultivados por seus viven-
tes, além de serem os principais e mais divinos viventes do universo* (*Infinito*, 87).
Há pois uma relação entre a vida do astro, a da terra, e a dos que habitam a terra
– todas as terras.

Numa longa descrição do caráter animal da terra, Giordano começa por fazer
uma analogia entre *as diversas feições de pedras, lagoas, rios, fontes, mares,
areias, metais [...]* etc., que são figuras das *várias compleições de ossos, de intes-
tinos, de veias, de artérias [...]* etc., dos animais; e às doenças e incômodos dos
animais, como *catarras, erisipelas, os cálculos, as vertigens, as febres* correspon-
dem em figura *as neblinas, chuvas, neves, canículas [...]* dos astros ou mundos
(*Infinito*, 51). Segue-se daqui uma extensão explicação dessas figuras, onde GB
repete várias vezes (ib. 52, 54) a expressão *vísceras da terra* para falar do interior
orgânico do mundo, ao qual designa como *este grande animal e nume* (ib. 52), e
como nume, ou ser superior, foi divinizado em diversas religiões. O caráter divino,

isto é, criador, doador de vida, que ele atribui aos astros é assinalado em outras passagens: *mundos habitados, grandes animais, excelentíssimas divindades* (Causa, 47). É claro que GB não está acreditando num politeísmo, mas no fato de que o Poder Criador – Causa Primeira – é transmitido às *causas segundas* as quais, como participantes do poder divino, agem de forma criadora. Mas nem sempre ele se explicou com clareza, usou e abusou de metáforas e de imagens mais poéticas do que teológicas, e parecia muitas vezes seguir demasiadamente à letra os seus inspiradores atomistas, em particular Demócrito e Lucrecio; para estes não havia necessidade de supor a existência de um Deus espiritual, já que o universo material tem em si todas as forças criadoras; neste caso o panteísmo fica próximo do ateísmo, e foi esta uma das confusões teóricas que, injustamente, condenaram Giordano Bruno a morrer como herege. O que ele pretendia era afastar da teologia e da religião comum a noção de Deus como uma entidade preocupada com o funcionamento do universo, algo como um superoperário que comanda diretamente toda a máquina, e substituir esta concepção (que como muitas outras ele considerava infantil) pela de um Ser que, como puro Espírito, não pode ser compreendido senão através dos *vestígios* que ele nos deixou, ou através da negação de tudo o que julgamos saber acerca dele – daí que GB tenha algumas vezes se aproximado da Teologia Negativa; nesta concepção Deus teria entregado às forças materiais, animadas pela Alma do Mundo, a capacidade de criar, mudar, e aperfeiçoar as energias e os corpos que habitam os mundos. Neste seu esforço de espiritualizar a noção de Deus GB utiliza idéias de Plotino e a própria concepção do Uno – fundamental na teologia das *Enéadas*; mas, tal como Plotino, sua excessiva espiritualização terminou por ser julgada pelo lado oposto, como uma materialização de Deus (sobre os problemas da identificação entre Deus e o mundo cf. por exemplo: Spruit, 179-180).

Portanto, como ser orgânico que é (tem membros: *Infinito*, 53, 55 etc.) e produtor de vida, a Terra que habitamos é um animal, e como ela todas as terras infinitas.

Finalmente há que explicar esta diversidade de mundos e de vidas a que já aludimos. Para GB a vida, tanto dos astros como dos seus habitantes, não é uniforme; pelo contrário, reveste diversas modalidades. Começando pela Terra, há nela diversos ambientes, e a cada um corresponde um tipo de vida: se nós habitamos, como diz o *Timeu*, o *côncavo da Terra*, em relação aos animais que vivem sobre ela estamos na mesma posição que os peixes com respeito a nós; porque há pelo menos três meios distintos: o da água, mais *espesso e denso*, o do ar em que vivemos, e o da região superior, *mais pura e tranqüila* (*Infinito*, 53). Ora se aqui há apenas uma sugestão da existência de um tipo de vida menos *espesso e denso* que o nosso, sugestão que decorre de uma possibilidade proporcional a partir daquilo que é diretamente observável, noutra passagem há realmente a indicação de uma outra modalidade de vida que representa um salto qualitativo em relação ao conhecido.

É ao falar dos astros que Giordano coloca esta probabilidade: se eles são vivos, com uma vida superior à dos planetas, e se seus raios são criadores de vida,

então eles devem abrigar seres vivos, tal como os planetas habitados; mas, se os astros são de fogo, os seres vivos que os habitam não podem ser adaptados aos locais onde predomina a água, como nas terras. Vejamos o curto diálogo sobre o caso (*Infinito*, 46):

– *Julgas que os mundos ígneos são também habitados, como os aquosos?* pergunta Elpídio; e Filóteo responde:

– *Nada mais, nada menos;* Elpídio insiste:

– *Mas que animais podem viver no fogo?*

– *Não julgues que eles são corpos constituídos por partes semelhantes...*

Ora se a pergunta é clara: *há animais de fogo?* e a resposta é taxativa: *é assim mesmo, nem mais nem menos*. A explicação é que não é conclusiva, e mais parece que lhe falta alguma parte do raciocínio; de fato, se a primeira parte da resposta de Filóteo é aceitável – a composição orgânica não é como a dos seres de ambientes aquosos – a seqüência: *porque não seriam mundos etc.*, refere-se mais à composição dos corpos dos astros do que à dos seus possíveis habitantes.

A tese geral, porém, permanece: a vida tem muitas modalidades, e a que vemos na Terra é apenas uma delas; as outras, diversas, apenas imaginamos.

Convém agora passar à principal razão pela qual o universo é imenso (sem medida, infinito) e vivo (animal).

4. *Dalla monade che è la divinità, procede questa monade che è la natura, l'universo, il mondo* (*De gli eroici furori*, cit. Spruit, 268): a natureza, ou seja, o universo (por vezes GB usa o termo *mundo* não no sentido específico de um sistema solar, mas no sentido amplo de cosmo) é uma mônada que procede da Mônada divina.

O universo é uma manifestação divina – mais ainda: é a única e total manifestação divina. O universo material, o cosmo, como teofania ou manifestação de Deus já era um tema recorrente nas doutrinas medievais de inspiração platônica – por exemplo em João Escoto Eriúgena. Na transição da cultura medieval para a renascentista um outro platônico, o cardeal Nicolau de Cusa, considerava o universo como que estando concentrado em Deus, que é assim a máxima complicação (concentração) de todas as coisas na Unidade simplíssima (o mínimo); adepto de Nicolau de Cusa e da sua terminologia GB afirma que, ao criar, Deus desdobrou-se, ou explicou-se a si mesmo, e que o universo é a explicação máxima de Deus. Portanto, como teofania, como explicação ou desdobramento da infinita complicação divina, o universo é, tal como Aquele que nele se manifesta e revela, eterno e infinito. Os aristotélicos, no seguimento de seu mestre, não aceitavam que pudesse existir o infinito material em ato (isto é: na realidade de fato), e por isto entendiam o universo material como uma realização divina finita. Mas Bruno, que por muitas razões não comungava das idéias de Aristóteles, não vê por que razão se deva colocar limites à onipotência divina.

O universo é, conseqüentemente, *il grande simulacro, la grande imagine e l'unigenita natura* (*Causa*, 86) constituído por tudo o que existe, que é tudo aquilo

que pode existir; ele é o efeito de uma causa infinita, e como tal ele é infinito. Ao chamar o universo de *unigênito* Giordano está recordando um aspeto da teologia, segundo o qual no seio da Santíssima Trindade o Filho é o unigênito, o único gerado por Deus Pai; mas está também recordando uma expressão de Marsílio Ficino (outro de seus autores preferidos) para quem o universo é filho de Deus por natureza, como um primogênito gerado desde sempre (*ab aevo condiderit*) pelas idéias divinas (Ficino, *In Parmenidem*, c. 80; *apud* Spruit, 169 e n. 25).

Mas se o mundo é *vestígio de Deus* (*Causa*, 46) e seu *simulacro* (ib.89) como se pode pensar que a criatura não revele o criador em todos os seus aspetos e poderes? *Porque frustrar a capacidade infinita, defraudar a possibilidade dos mundos infinitos que possam existir, prejudicar a excelência da divina imagem, que devia antes resplandecer num espelho ilimitado, segundo o seu modo de ser infinito e imenso?* (*Infinito*, 20/21). O universo é pois um *simulacro infinito e ilimitado, capaz de conter inumeráveis mundos* (*Infinito*, 19).

Para GB é claro que o simulacro não é infinito da mesma maneira que é Aquele que simula, como também não é eterno da mesma maneira. O universo é infinito no todo porque não há nele limite, mas não é infinito totalmente, porque cada parte sua (cada astro ou mundo) é finita. Deus, porém, é todo e totalmente infinito porque não tem partes, e onde está, está totalmente (*Infinito*, 21). Quanto a ser eterno, Deus o é por si mesmo, enquanto que o universo o é pela causa extrínseca que é Deus (*Infinito*, 56); mas sobre este ponto Giordano diz que não tem certeza dos argumentos.

A infinitude do universo traz conseqüências importantes, que não estavam contidas na teoria de Copérnico: *aquilo que está no universo [...] acha-se por toda a parte segundo o modo de sua capacidade: está em cima, embaixo, no meio, à direita, à esquerda, segundo todas as diferenças locais, porque na totalidade infinita há todas estas diferenças e não existe nenhuma delas* (*Causa*, 122). Ou, por outras palavras: no universo não há alto nem baixo, nem direção nem centro; o centro está em toda a parte, e todas as posições e direções são relativas ao observador (*Infinito*, 32, 56). Assim tudo está no centro, porque não há centro único, e o que está em cima está embaixo, porque não há cima nem baixo absolutos.

É pois um só o céu, um o espaço imenso, uma a abóbada, um o continente universal, uma a região etérea em que tudo corre e se movimenta. O universo imenso e infinito é o composto que resulta de tal espaço e de tantos corpos nele contidos (*Infinito*, 43, início do terceiro diálogo). Sendo assim, GB tira desta noção de totalidade mais uma conclusão: se o universo contém tudo, não há nada fora dele, e não há nada que possa sair dele pois não tem para onde ir; nem nada que possa entrar nele porque não tem de onde vir; e como o que existe não pode deixar de existir, nem nada se pode acrescentar ao que já é infinito, a massa de matéria do universo permanece constante, sem crescer nem diminuir: só se transforma (*Infinito*, 34/35). Diz ele noutra passagem: *O universo, que é o grande simulacro, a grande imagem e a única natureza gerada, também ele é tudo o que pode ser através destas espécies, destes membros principais e do conteúdo de toda a matéria, à qual nada se acrescenta e da qual nada se retira* (*Causa*, 86).

O universo, manifestação divina, simulacro e espelho de Deus, teofania e uni-gênito material, infinito e eterno com Deus, contendo tudo o que existe e pode existir, é um só por excelência, e a Unidade – mais uma vez reflete Plotino – é a sua qualidade mais excelente e definidora. No entusiasmo desta explicação Giordano tem um de seus trechos mais poeticamente retóricos:

Pois o universo é uno, infinito, imóvel. Una, afirmo eu, é a possibilidade absoluta, uno o ato, uma a forma ou alma, uma a matéria ou o corpo, uma a coisa, uno o ser, uno o máximo e supremo, que não pode ser compreendido; por isto ele é indefinível e indeterminável, e, portanto, não tem limite nem termo e, conseqüentemente, é imóvel. Ele não se move localmente, porque fora dele não existe nenhum lugar para onde possa transportar-se, posto que ele é o todo. Não gera, porque não há outro ser que ele possa desejar ou aguardar, uma vez que ele possui todo o ser. Não se corrompe, porque nenhuma outra coisa existe em que possa transformar-se, visto que ele é tudo, nele tudo se encerra, tudo se conclui. Não pode diminuir ou aumentar; a ele nada se pode acrescentar, bem como dele nada se pode subtrair, pois o infinito não possui partes proporcionais [...]. Não é mensurável, nem mede. Não é contido, porque não há nada maior que ele. Não contém, porque não há nada menor que ele. Não se compara, porque não comporta a alteridade, mas é uno e idêntico [...]. É de tal modo termo, que não tem termo; é de tal modo forma, que não tem forma; é de tal modo matéria, que não tem matéria; é de tal modo alma, que não tem alma: porque é o todo indistintamente, por isto é uno; o universo é uno (Causa, 117-118, início do quinto diálogo). Ou como ele já dissera (ib. 87): Uno é o que é tudo e o que pode ser tudo absolutamente.

Esta unidade tem suas decorrências: *Vedes assim como todas as coisas estão no universo e o universo em todas as coisas; como nós estamos nele e ele em nós, de modo que tudo concorre numa perfeita unidade [...]. Esta unidade é solitária e estável e sempre permanece; esta unidade é eterna (Causa, 121).* Esta unidade efetiva faz com que todos os mundos sejam feitos da mesma matéria, da mesma consistência, com a mesma ordem, a mesma razão e organização: *todas as terras são dignas de ter a mesma organização (razão) e a mesma todos os sóis (Infinito, 45).* Ou seja: as leis que regem a matéria, e a constituição da mesma matéria, são as mesmas em todo o universo (*Infinito*, 63, 91). Há até um argumento, tirado dos corpos particulares e menores, reforçando a identidade de constituição da matéria: a possibilidade de êxito no transplante de órgãos entre os seres humanos; esta cirurgia plástica (ele cita troca de orelhas e narizes) era realizada na Itália desde o século XVI; Bruno reconhece que ela não era comum, mas a sua possibilidade lhe vale como argumento (*Infinito*, 66).

5. *A alma do mundo é a forma universal do mundo (Causa, 49).* Como muitas outras vezes, a palavra *mundo* aqui significa todo o universo, e a Alma do Mundo é o espírito que vivifica a matéria, e que de certo modo se identifica com o universo; ela anima e dá forma, é parte intrínseca do universo, e na medida em que o governa é a sua causa (*Causa*, 52). Neste ponto GB cita explicitamente Plotino (ib. 53) de quem tira quase à letra a doutrina da Alma do Mundo; esta

preside à matéria, predomina em tudo, compõe e dá consistência às partes (ib. 58); ela produz todas as coisas e une tudo, de tal modo que todas as coisas se relacionam entre si (ib. 49-51) . Este é o princípio da simpatia universal, pelo qual também age a magia, pois para que uma coisa atue sobre outra não importa nem a distância, nem a natureza do corpo: a constituição da matéria sendo a mesma em todos os corpos, e a Alma do Mundo estando em todas as coisas, o que numa se realiza afeta qualquer outra porque *achando-se o espírito ou a alma ou a forma universal em todas as coisas, de tudo pode se produzir tudo* (Causa, 57).

Hoje em dia, na linguagem acadêmica, não falamos em Alma do Mundo nem em simpatia universal, mas alguns físicos aceitam teoricamente a possibilidade da ação a distância, sem ter como explicá-la na prática. Giordano Bruno deu-lhe um nome, que, como era seu uso, se tratava de uma analogia, pois o que é mesmo a Alma do Mundo e a simpatia universal fica acima da capacidade do entendimento humano. E o que GB quis dizer fica por descobrir, pois muito do que ele nos disse ainda está por explicar – mas faz sentido.

Obras de Giordano Bruno

Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos. Trad. Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo, Nova Cultural, Os Pensadores, 1988.

Acerca do infinito, do universo e dos mundos. Intr. Victor Matos e Sá. Trad. notas, bibl. Aura Montenegro. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 3. ed. 1984.

A Causa, o princípio e o uno. Trad. Attilio Cancian. São Paulo, Nova Stella/Instituto Italo-Brasileiro, 1988.

Cause, Principle and Unity. Trad. ed. Robert De Lucca. Cambridge U.P., 1998.

Comentários

INGEGNO, Alfonso. *Introduction to Cause, Principle and Unity*, VII-XXVI.

KUHN, Thomas. *The Copernican Revolution*. Cambridge, Harvard U.P. 235-237.

LUPI, João: *O antiaristotelismo de Giordano Bruno*. 1º Colóquio Luso-Brasileiro de Pesquisa Filosófica. 400 anos da Ratio Studiorum. Rio de Janeiro, UFRJ, 23-27, agosto de 1999.

MICHEL, Paul-Henri. *La cosmologie de Giordano Bruno*. Paris, Hermann, 1962.

SPRUIT, Leen. *Il Problema della conoscenza in Giordano Bruno*. Nápoles, Bibliopolis, 1988.

Divulgação

BURGIERMAN, D.R., e WINTER, S.G. e O.: *Profeta de outros mundos*. Superinteressante, ano 14, n. 1, janeiro 2000, 42-46.